

*Entretanto, recorda:
Os espinhos da alma
São sempre como são,
Formando, em qualquer parte, os degraus da
À luz da elevação... subida*

*E os espinhos são muitos,
No caminho interior,
É o dever de se dar à batalha do bem,
O encargo de atender ao plantio do amor...
É a incompreensão de alguém, é o desafio
A fim de que se anule a tentação
Que tantas vezes nos visita,
A testar-nos o próprio coração;
É a nossa dor e a luta dos que amamos,
A inquietação e o medo, em cada prova,
A tristeza, a amargura, a sombra e a mágoa,
Tudo, enfim, que nos fere e nos renova.*

*Inda assim, alma boa,
Vale a pena seguir... Ama e perdoa!...*

*A fim de que se alcance a suprema alegria,
Não basta ver em nós sofrimento e pesar,
É preciso vencê-los, dia-a-dia,
Trabalhar e servir, aprender e passar...*

Alegrada do reino

*Tiago, filho de Alfeu, em desconforto,
No desapontamento que o invade,
antes que se rompesse a tempestade
Prestes a desabar sobre Jerusalém,
Foi ver o Cristo morto.*

*O vento escoraçava a multidão,
Que descia tangida à chibatas de pó;
Vendo o topo do monte quase sem ninguém,
Sob certo disfarce, o aprendiz de Jesus
Subiu, ansioso e só,
E falou para o Mestre, aos pés da cruz:
— Por que morrer assim, Jesus, se as profecias
De nossas tradições e de nossas memórias,
Falam de ti no Reino que previas,
Na condição de rei, cercado de vitórias?
O povo te saudou por Príncipe Perfeito,
Alto libertador da Terra Prometida...*

*Por que não combateste, ao menos, por respeito
Aos que disseste amar nas agruras da vida?
Perdoa-me, Senhor, a repulsa que tenbo,
Nada vejo que a fé nos recomponha...
Ai de nós que ficamos!... Este lenço
Para sempre, será nossa própria vergonha..*

*O apóstolo pausara, cismarento,
Mas do próprio madeiro,
Varando o ribombar do firmamento,
Veio, em amargo acento,
A voz de um Mensageiro,
Dos muitos que velavam, na hora extrema,
Pela paz do Divino Companheiro:
– Silencia, Tiago!... O reino que esperavas
É o mesmo desta hora em que se escuta
O terrível clamor de sofrimentos e luta
Das vastas multidões de almas escravas...
De que vitórias falas? As da guerra?
Da pilhagem no sangue em que se alaga?
Da púrpura dos reis que refulge e se apaga,
Ante a cinza dos túmulos da Terra?
Jesus não trouxe ao mundo o império da opressão
E sim a luz do Reino Superior
De verdade e de paz, de esperança e de amor,
Alto Reino de Deus que deve se elevar
De nosso coração!...*

*Emudecera a voz, mas o apóstolo aflito
Voltou a perguntar:
– Então Jesus, o Ungido dos Ungidos,
Não veio proclamar
A terra em que nasci por nação de escolhidos?!...*

*O Emissário, porém, clamou da cruz, em tom
– Tiago, não te dês a preconceitos vãos, profundo:
Todo povo é de Deus, nos caminhos do mundo,
Todo somos irmãos!... Todos somos irmãos!...*

*O aguaceiro no céu, a jorros se destampa...
O apóstolo descia, pensativo,
Mas, na última rampa,
Encontra um pobre homem morto-vivo...
É um mendigo estirado, ao pé do morro,
A rogar por socorro...
Está febril, cansado, espancado e ferido.
Tiago enxerga nele um farrapo sangrento
E refletiu, de si para consigo:
– Será este, meu Deus, o divino momento
De compreender Jesus?*

*Inquieto e surpreendido,
A sentir-se, por dentro, em nova luz,
Toma o desconhecido
E, a carregá-lo nos seus próprios braços,
Registra estranha força a sustentar-lhe os passos...*

*Lembra a história do Bom Samaritano
E, na grandeza do seu gesto humano,
Leva o infeliz a humilde hospedaria...*

Na rua, a tempestade atroava e rugia...

*O apóstolo recorda o Cristo entre os doentes,
Desolados, sozinhos, maltrapilhos,
Que tratava por filhos,
Entre afagos e zelos permanentes...*

*Em seguida, contempla, enternecido,
Aquele companheiro anônimo e vencido;
Limpa-lhe o corpo em chaga e oferece-lhe um leito,
De inesperado amor inflama-se-lhe o peito...
Nessa transformação,
Abraça-se ao pedinte por irmão!...*

*Lá fora, o temporal estrugia, violento,
Apedrejando a Terra, entre os uivos do vento!...*

*Tiago se rendera à extrema compaixão...
Tocado de alegria excelsa e rara,
Sentiu, dentro do próprio coração,
Que a construção do Reino começara...*

De alma para alma

*E chegaste no mundo à grande encruzilhada:
De um lado a provação gritante e sem conforto,
De outro, o desalento ao peito semi-morto
E, mais além, a trilha obscura e escarpada,
Sob céu pardacento,
Em que te aguarda a aspérrima jornada
De sacrifício e sofrimento
Para atingir, de novo, a senda iluminada
Que te assegure paz no coração...*

*Clamas e choras, mas não te lastimes,
Nunca te faltará recurso a que te arrimes
Nem seguirás em vão.*

*Escuta, alma fraterna,
Não te deites, à margem do caminho,
Alegando cansaço e coração sozinho
Para fugir da estrada a percorrer...
Lança ao rio do tempo a dor que te consterna,
Reanima-te e volta ao movimento e à vida
E esquecerás a chaga dolorida
Que te põe a sofrer
Na mágoa que te alcança.*